

O SERTÃO NA HISTÓRIA DO BRASIL

META

Discutir acerca do conceito de “Sertão”, enquanto categoria explicativa da construção da nacionalidade brasileira.

Perceber a contribuição da obra Os Sertões de Euclides da Cunha para a consolidação do sertanejo, como modelo de raça forte em constante embate com seu meio.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

analisar a idéia de sertão presente de múltiplas formas na história do Brasil e compreender o uso desta categoria na construção de um ideal de brasileiro espelhado no homem sertanejo.

PRÉ-REQUISITOS

Ter compreendido as idéias discutidas nas aulas 08 e 09.



Obra de Telma Weber, Sertão II.
(Fontes: <http://www.artcanal.com.br>)

INTRODUÇÃO

Prezado aluno/prezada aluna,
Chegamos à nossa última aula e espero que você tenha aprendido bastante ao longo deste curso de Natureza e História.

Hoje quero convidar você para fazermos uma viagem pelo Sertão. Isso mesmo!

Vamos compreender que a categoria Sertão na História do Brasil vai muito além da idéia que geralmente nós temos enquanto nordestinos.

Vamos começar?

Antes de tudo, quero propor um pequeno desafio. Gostaria que você anotasse em qualquer parte desta página a primeira idéia que lhe vem à mente ao ver ou ouvir falar de sertão. Anotou?

Imagino que você escreveu algo com referência à seca, semi-árido, caatinga... Não foi isso? Deve ter sido, pois, geralmente, para nós nordestinos são esses elementos que configuram aquilo que conhecemos ou entendemos por sertão. No entanto, veremos nesta aula que a categoria “Sertão” tem uma **etimologia** não muito definida. Estudos indicam que a palavra sertão deriva de deserto (deserto, desertão, sertão) por conta dos atributos comuns aos dois termos: aridez, despovoamento.

Ao contrário do que a maioria de nós pensa, a palavra sertão não é empregada apenas para fazer referência ao semi-árido nordestino. A presença do termo na historiografia, desde o período colonial, aparece fazendo alusão a diversas partes do Brasil, a depender da localização de quem escreve. Assim sendo, o sertão pode ser: o interior de São Paulo e da Bahia, a região amazônica, os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, além do próprio sertão nordestino, ou seja, o interior do país. Diante desta diversidade, melhor seria utilizar o termo “sertões”, no plural (ALENCAR, s/d).

Etimologia

Ciência que investiga a origem (étimo) das palavras, procurando determinar as causas e circunstâncias de seu processo evolutivo.

Em 1989 foi criado o Parque Nacional Grande Sertão Veredas em Formoso (MG), em homenagem a Guimarães Rosa.

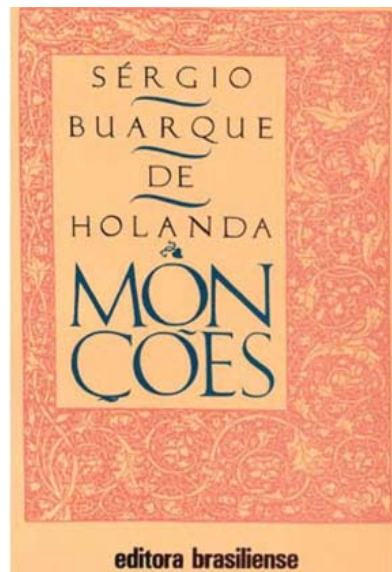


Cena da minissérie da Rede Globo “Grande Sertão: Veredas”, exibida em 1985, com direção de Walter Avancini. Adaptado da obra homônima de Guimarães Rosa, o livro foi lançado em 1956. (Fonte: <http://www.novavtdigital.com>).

OS CAMINHOS DO SERTÃO

Vimos, anteriormente, a importância da obra de Sérgio Buarque de Holanda para a historiografia brasileira. Na aula de hoje, quero destacar um de seus principais livros que é *Monções*, publicado pela primeira vez em 1945, onde, mais uma vez, a natureza está presente de forma privilegiada.

Monções apresenta o estudo, desenvolvido pelo próprio autor, acerca das expedições através dos rios em direção ao oeste no Brasil Colonial, dando ênfase ao confronto entre homens e natureza, esta representada pelos obstáculos que lhes eram apresentados nestas incursões.



Capa da 3ª edição do livro “Monções” de Sérgio Buarque de Holanda.
(Fonte: <http://i.s8.com.br>).

Vejamos a seguir o trecho que selecionei do referido livro:

OS CAMINHOS DO SERTÃO

Durante os primeiros tempos da colonização do Brasil, os sítios povoados, conquistados à mata e ao índio, não passam geralmente de manchas dispersas, ao longo do litoral, mal plantadas na terra e quase independentes dela. Acomodando-se à arribada de navios, mais do que ao acesso do interior, esses núcleos voltam-se inteiramente para o outro lado do oceano.

Em tais paragens, tratam os portugueses de provocar um ambiente que se adapte à sua rotina, às suas conveniências mercantis, à sua experiência africana e asiática. O processo evolui graças à introdução da cana-de-açúcar, destinada a produzir pra mercados estrangeiros. A lavoura do açúcar tem seu complemento no engenho. Ambos – lavoura e engenho – chamam o

negro. Incapazes de ajustar-se a esse processo, os antigos naturais da terra são rapidamente sacrificados. Aqueles que não parecem, vítimas das armas e também das moléstias, trazidas pelo conquistador, vão procurar refúgio no sertão distante.

Vencida porém a escabrosidade da Serra do Mar, sobretudo na região de Piratininga, a paisagem colonial já toma um colorido diferente. Não existe aqui a coesão externa, o equilíbrio aparente, embora muitas vezes fictício, dos núcleos formados no litoral nordestino, nas terras do massapé gordo, onde a riqueza agrária pode exprimir-se na sólida habitação do senhor de engenho. A sociedade, constituída n planalto da capitania de Martim Afonso, mantém-se, por longo tempo ainda, numa situação de instabilidade ou de imaturidade, que deixa margem ao maior intercurso dos adventícios com a população nativa. Sua vocação estaria no caminho, que convida ao movimento; não na grande propriedade rural, que cria indivíduos sedentários.

É verdade que essas diferenças têm caráter relativo e que delas não é lícito tirar nenhuma conclusão muito peremptória. A mobilidade dos paulistas estava condicionada, em grande parte, a certa insuficiência do meio em que viviam; insuficiência para nutrir os mesmos ideais de vida estável, que nas terras da marinha puderam realizar-se, ao primeiro contato entre o europeu e o Novo Mundo. Distanciados dos centros de consumo, incapacitados, por isso, de importar em apreciável escala os negros africanos, eles deverão contentar-se com o braço indígena – os “negros” da terra –; para obtê-lo é que são forçados a correr sertões inóspitos e ignorados. Em parte é idêntico o objetivo dos colonos portugueses. Diverge unicamente, ditado por circunstâncias locais, o compasso que, num e noutro caso, dirige a marcha para esse objetivo.

Mas, a lentidão com que, no planalto paulista, se vão impor costumes, técnicas ou tradições vindas da metrópole – é sábio que, em São Paulo, a própria língua portuguesa só suplantou inteiramente a geral, da terra, durante o século XVIII – terá profundas conseqüências. Desenvolvendo-se com mais liberdade e abandono do que em outras capitanias, a ação colonizadora realiza-se aqui por um processo de continua adaptação a condições específicas do ambiente americano. Por isso mesmo, não se enrija logo em formas inflexíveis. Retrocede, ao contrário, a padrões rudes e primitivos: espécie de tributo exigido para um melhor conhecimento e para a posse final da terra. Só muito aos poucos, embora com extraordinária consistência, consegue o europeu implantar, num país estranho, algumas formas de vida, que já lhe eram familiares no Velho Mundo. Com a consistência do couro, não do ferro ou do bronze, dobrando-se, ajustando-se, amoldando-se a todas as asperezas do meio.

É inevitável que, nesse processo de adaptação, o indígena se torne se principal iniciador e guia. Ao contrário dele, os colonos, atraídos para um sertão cheio de promessas, abandonam, ao cabo, todas as comodidades da

vida civilizada. O simples recurso às rudes vias de comunicação, abertas pelos naturais do país, já exige uma penosa aprendizagem, que servirá, por si só, para reagir sobre os hábitos do europeu e de seus descendentes mais próximos. A capacidade de resistir longamente à fome, à sede, ao cansaço; o senso topográfico levado a extremos; a familiaridade quase instintiva com a natureza agreste, sobretudo com seus produtos medicinais ou comestíveis, são algumas das imposições feitas aos caminhantes, nessas veredas estreitas e rudimentares. Delas aprende o sertanista a abandonar o uso de calçados, a caminhar em “fila índia”, a só contar com as próprias forças, durante o trajeto. (HOLANDA, Sérgio Buarque de. Monções. 2ª. ed. São Paulo, Alfa-ômega, 1976. p. 19 – 21.)

Perceba caro aluno ou aluna que os colonizadores assimilaram as formas de sobrevivência e os saberes dos índios para conseguirem avançar, adaptando esses conhecimentos às suas experiências e necessidades.

“Os pioneiros precisavam ser astuciosos para enfrentarem o meio hostil, o cansaço, a natureza agreste e as doenças tropicais” (Cf. DUARTE, 2005, p. 91)]

Um exemplo deste aprendizado foi a utilização das canoas que eram escavadas a partir dos troncos de grandes árvores. Tal ação se tornou ainda um fator de modificação da paisagem, uma vez que a devastação da floresta para a construção das canoas tornou escassas as árvores maiores, desprotegendo o solo e diminuindo a densidade das matas em torno dos rios. Além disso, com o povoamento, houve a inserção de novas espécies de animais e, posteriormente, o gado.



No Brasil do século XVIII, passou-se a conhecer por monção a estação adequada para as viagens fluviais. A pintura retrata a partida de uma Monção. (Fonte: <http://3.bp.blogspot.com>).

A Natureza para estes pioneiros era, a um só tempo, generosa e hostil. Generosa, pela fartura de alimentos que proporcionava, seja pela pesca, pela caça, pelos frutos, ou ainda pelas ervas medicinais. Hostil, pois aquele meio também era repleto de obstáculos, nevoeiros, morcegos e mosquitos.

Assim sendo, fica aqui bem claro que esta região, denominada na obra de Sérgio Buarque de Holanda como sertão, é bem diferente do que conhecemos no Nordeste. Em Monções, o sertão é a mata, pouco habitada, distante, de difícil acesso. Um sertão verde no interior do Brasil.

Amaral Ferlini

Mestre e doutora em História Econômica, é Livre-docente em história ibérica e professora associada da USP.

A CIVILIZAÇÃO DO COURO

Fábricas

Os “fábricas” eram trabalhadores comumente assalariados, subordinados ao vaqueiro, recebendo remuneração por mês ou por ano, apenas eventualmente o trabalho escravo era utilizado. Fonte: PRADO JUNIOR, 1992, p. 192.

A ocupação do sertão e o cultivo do gado pelos colonizadores proporcionaram a formação da chamada “civilização do couro”. Das áreas canavieiras da Bahia e de Pernambuco, a pecuária se expandiu para o sul e para o norte. Na Bahia, Garcia D’Ávila estabeleceu as primeiras fazendas de gado, chegando, no século XVII, a região do Rio São Francisco, devido a isto conhecido como “rio dos currais”. (FERLINI, 1996)

Vera Lúcia **Amaral Ferlini** explica que esta “civilização do couro” tinha como características: alimentação baseada na carne seca e na farinha de mandioca e a utilização do couro como matéria-prima para todos os artefatos. Este regime contrastava com a produção do açúcar, pois, exigia pouca mão de obra (vaqueiros e “fábricas”), predominando o trabalho livre em regime de parceria. Diferente dos canaviais, onde era explorada a mão de obra escrava.



“Ao lado de uma sociedade feita de açúcar e escravos, desenvolveu-se, no sertão, uma “civilização do couro”, feita de gado e homens livres, em confronto com a natureza, tocando seu gado através de pastagens naturais.”
(Cf. FERLINI, 1996, p. 26)

Gravura representando o sertanejo em seu cavalo, homem em constante interação com a natureza do sertão.

(Fonte: <http://www.consciencia.org>).

Neste contexto, a atividade criatória passa a adentrar cada vez mais o território, uma vez que a pecuária exigia grandes extensões de terra para pastagens. Seguindo os cursos dos rios, multiplicavam-se os currais, contribuindo gradativamente para o povoamento do interior do país.

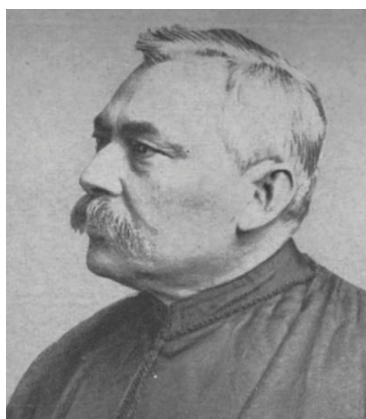
O SERTÃO E A CONSTRUÇÃO DA IDÉIA DE NAÇÃO

O pensamento predominante no início do século XX era de que a natureza deveria ser transformada pelo progresso e pela civilização. Com a Proclamação da República no Brasil, as elites políticas e intelectuais a construção da Nação e a reestruturação do Estado. Neste sentido, os escritores brasileiros passaram a investir na tarefa de estudar e compreender os vários aspectos da realidade brasileira buscando a formação de uma imagem unificadora que pudesse substituir o parâmetro europeu.

Veremos, então, como o sertão pode ser entendido como categoria explicativa na história do Brasil, no processo de construção ideológica da nação. A Primeira República pode ser tomada, portanto, como um marco na construção de uma imagem do Brasil como um todo unificado, empreendimento este incompleto até os dias atuais (SENA, 1998).

No entanto, permita-me um breve recuo no tempo, para enfatizar que alguns anos antes da própria Proclamação da República um grupo de intelectuais se destacou pela busca de uma definição da nacionalidade, a partir das seguintes indagações: quais os elementos que definem o Brasil? O que configurava a especificidade de ser brasileiro? Este grupo ficou conhecido como a “geração de 1870”. (VELLOSO, 2006)

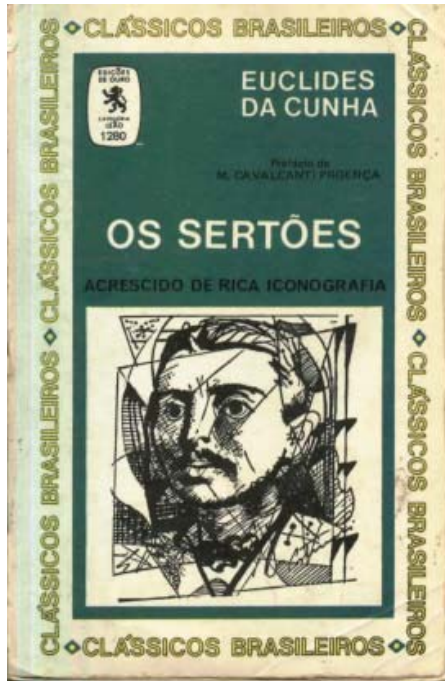
Este grupo foi formado por integrantes da Faculdade de Direito do Recife, a saber: Silvío Romero, Graça Aranha, Capistrano de Abreu e Euclides da Cunha, liderados por Tobias Barreto. Tinha-se como objetivo a busca da compreensão da identidade múltipla da nacionalidade, resgatando a diversidade cultural.



Silvío Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (21/04/1851 – 18/06/1914) nasceu em Lagarto/SE.
(Fonte: <http://www.revistabula.com>).



José Pereira da Graça Aranha (21/06/1868 – 26/01/1931)
(Fonte: <http://www.infoescola.com>).



Tobias Barreto de Meneses (07/07/1839 – 26/06/1889) nasceu em Sergipe.
(Fonte: <http://media.photobucket.com>).

Euclides Rodrigues da Cunha (20/01/1866 – 15/08/1909)
(Fonte: <http://www.senado.gov.br>).

Mesmo de uma forma que poderíamos denominar “envergonhada” reconhecia-se a nossa identidade mestiça, buscando-se estudá-la. Mas predominava ainda a idéia da segmentação entre o superior (europeu) e o inferior (Brasil), sendo reservado a cada uma das etnias o seu respectivo espaço (VELLOSO, 2006, p. 356).

A geração de 1870 defende, portanto, uma literatura nativa inspirada no sertanismo, no indianismo, ou seja, nas “coisas da terra”. É neste contexto que, em dezembro de 1902, Euclides da Cunha publica *Os Sertões*, obra considerada marco na produção literária nacional, de “busca da nossa origem, do nosso passado, da nossa gente, da nossa terra, dos nossos costumes, das nossas tradições” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 53). É reflexo do projeto “naturalista-realista” de uma literatura regionalista fiel à descrição do meio.

A obra *Os Sertões* é dividida em três partes:

- A TERRA: contendo informações sobre a geografia, a geologia e o clima do sertão nordestino;
- O HOMEM: Onde são descritos os tipos humanos característicos do país e a influência do meio na formação das raças;

- A LUTA: traz a descrição detalhada da Guerra de Canudos.

Em seu livro, Euclides da Cunha desmitifica a idéia vigente de que apenas a raça branca (europeu) poderia representar o povo brasileiro, mostrou a importância da mistura de raças no país e a necessidade de valorização deste aspecto, uma vez que os brancos “puros” já eram raros e fadados a desaparecer.

Para a construção da imagem de uma raça forte e homogênea, o discurso regionalista nordestino, inspirado no **eugenismo**, passa então a privilegiar a figura do sertanejo como expressão da raça regional que traria a virilidade necessária para fazer frente à dominação do litoral.

Vejamos, agora, um trecho do capítulo 3 da segunda parte do livro (O Homem), onde veremos a influência do eugenismo na obra de Euclides da Cunha, como também, as características do sertanejo enquanto um forte em constante embate com seu meio.

O HOMEM

O SERTANEJO

O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

Sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. (...)

É o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.

Entretanto, toda essa aparência de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.

Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todos o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas. (CUNHA, p. 115-116)

Eugenismo

Ciência que estuda as condições favoráveis à manutenção e preservação da qualidade da espécie humana; teoria social baseada nesta idéia.

Você deve ter observado querido aluno ou querida aluna, que o discurso regionalista privilegia o sertão e o sertanejo como exemplos do embate entre o homem e a natureza. Um tipo nacional produto da miscigenação entre três raças, cuja influência no padrão psicológico é eminentemente do indígena, uma vez que suas atitudes e valores são consequência da convivência e adaptação ao meio.



Ilustração que representa a miscigenação do povo brasileiro.
(Fonte: <http://www.ritapolis.com>).

Afastado do litoral e das demais influências externas, esse homem passa então a ser o ícone da nacionalidade, pois é feito do mesmo material que a natureza hostil de onde vive. Perfeitamente adaptado e resistente às adversidades da vida no árido sertão, possui uma masculinidade exacerbada. É másculo, macho, viril, pois somente com estas características é possível sobreviver neste ambiente, onde até mesmo as mulheres são masculinizadas, embrutecidas pelo meio hostil.

No Brasil, o processo de construção da nação se deu rejeitando os modelos estrangeiros, lançando um olhar retrospectivo sobre nossas raízes, para a construção da idéia de brasilidade. Neste sentido, a literatura se estabeleceu como um dos primeiros pilares nesta construção de símbolos da identidade nacional. Na busca de um representante para o ideal brasileiro, é o sertanejo eleito como símbolo da identidade nacional.

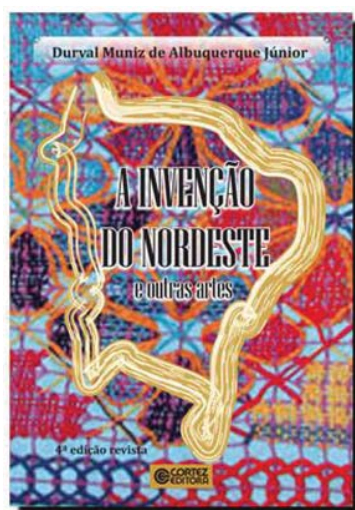
“Homem capaz de enfrentar as mais terríveis dificuldades, como as pestes, também tão comuns nos sertões, em época de estiagens, sem se intimidar, por isto era um cabra da peste. E era um cabra, por ser, como este animal, tão bem adaptado à natureza de pedra, seca; capaz de sobreviver comendo o que estivesse disponível.” (Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 186-187.)

SERTÃO NORDESTINO: ESPAÇO DA SAUDADE

Veja só quantos elementos estão subjacentes, vindo gradativamente à tona à medida que nos propomos a compreender a categoria sertão, no contexto da história do Brasil!

E, em se tratando de sertão nordestino, outros aspectos mais se somam ao que entendemos e conhecemos por região Nordeste, estigmatizada por temas como: a seca, o cangaço, o messianismo, etc.

Diversas são as representações do sertão nordestino, cada uma sob uma perspectiva diferente: um Nordeste da cana-de-açúcar de Gilberto Freyre, mas também um Nordeste sertanejo de Ariano Suassuna. Um Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa, ou um sertão de Vidas Secas, de Graciliano Ramos. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em *A invenção do Nordeste e outras artes*, aborda o surgimento do Nordeste enquanto região, rompendo com a dualidade Norte/Sul e redefinindo as espacialidades do país e as estruturas sociais em âmbito nacional. Porém, é um Nordeste também gestado como espaço de saudade, entendido como um sentimento que pode ser individual ou coletivo, que afeta aquele que perdeu suas referências espaciais ou temporais.



Capa da 4ª edição do livro “A invenção do Nordeste e outras artes”, de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, lançado pela 1ª vez em 1999.
(Fonte: <http://www.lojacortezeditora.com.br>).

Você, meu caro aluno/querida aluna, deve ter suas lembranças permeadas de representações sobre o sertão nordestino, seja por ser habitante desta região ou por ouvir relatos de parente ou mesmo pelas notícias nos meios de comunicação de massa. Mas não esqueçamos que, na cultura brasileira, o sertão ainda está presente como elemento constitutivo da identidade nacional.

Um grande exemplo disto é a música. No caso do sertão, para além do gênero chamado “sertanejo”, tão distorcido de sua idéia primeira, temos um representante desta saudade de um sertão deixado para trás por tantos nordestinos: Luiz Gonzaga.



Luiz Gonzaga (13/12/1912 – 02/08/1989). Conhecido como Rei do Baião e considerado maior representante da cultura nordestina.
(Fonte: <http://www.assaoc.org.br/img/oficinas/luizgonzaga2.jpg>)

Sabemos que a música é uma forma de transmissão de mensagens, ideologias, sentimentos, mas também de representações da relação do homem com a natureza do sertão, especialmente no contexto das secas que a muitos fizeram migrar para outras regiões do país.

A obra musical de Luiz Gonzaga é reflexo deste sertão enquanto espaço e objeto de saudade para muitos que dele tiveram de sair, mas que não vêm a hora de voltar. Em suas letras, percebemos a relação do homem com seu meio e sua luta contra a seca à espera das chuvas.

Você deve conhecer diversas músicas interpretadas por Luiz Gonzaga, mas leia com atenção esta letra:

LUAR DO SERTÃO

Composição: Catulo da Paixão

Não há, ó gente, ó não
Luar como este do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como este do sertão

Oh! Que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando folhas secas pelo chão
Este luar cá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade do luar lá do sertão

Não há, ó gente, ó não
Luar como este do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como este do sertão

Se a lua nasce por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata prateando a solidão
E a gente pega na viola que ponteia
E a canção é a Lua Cheia a nos nascer do coração

Não há, ó gente, ó não
Luar como este do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como este do sertão

Mas como é lindo ver depois por entre o mato
Deslizar calmo regato transparente como um véu
No leito azul das suas águas murmurando
E por sua vez roubando as estrelas lá do céu

Não há, ó gente, ó não
Luar como este do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como este do sertão

Este é apenas um dos aspectos que fazem referência ao sertão que ainda está fortemente presente em nossa cultura e no imaginário do brasileiro.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que a categoria sertão está profundamente arraigada na cultura brasileira, seja no senso comum, no pensamento social, ou ainda no imaginário popular. Fazendo referência a diversas localidades do interior do país, a categoria sertão torna-se imprescindível para a compreensão da construção do ideário de nação na história do Brasil, notadamente na Primeira República.

Neste sentido, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, contribuiu sobremaneira para a consolidação do sertanejo como modelo de raça forte em constante embate com seu meio. A relação homem-natureza é aqui representada como campo de batalha, onde o homem teve que fazer-se embrutecido para sobreviver ao meio ambiente hostil.

Este sertão, portanto, representado de várias formas, assumiu diversos significados ao longo da História do Brasil.



Figura que representa a diversidade cultural da região Nordeste.
(Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>).

RESUMO

A palavra sertão não é empregada apenas para fazer referência ao semi-árido nordestino. A presença do termo na historiografia, desde o período colonial, aparece fazendo alusão a diversas partes do Brasil. Vimos a importância da obra de Sérgio Buarque de Holanda para a historiografia brasileira, com destaque para um de seus principais livros que é *Monções*. Nele o autor aborda as expedições que seguiram pelos rios em direção ao oeste no Brasil Colonial, dando ênfase ao confronto entre os colonizadores e o meio, através pelos obstáculos que lhes eram apresentados nestas incursões.

A geração de 1870 defende, portanto, uma literatura nativa inspirada no sertanismo, no indianismo, ou seja, nas “coisas da terra”. É neste contexto que, em dezembro de 1902, Euclides da Cunha publica *Os Sertões*, obra considerada marco na produção literária nacional, de “busca da nossa origem, do nosso passado, da nossa gente, da nossa terra, dos nossos costumes, das nossas tradições

O sertão, enquanto categoria presente na História do Brasil, foi utilizado como tal na busca da formação de uma identidade nacional pelas elites intelectuais, especialmente entre o final do século XIX e início do XX.. O discurso regionalista elegeu o sertão e o sertanejo como exemplos do embate entre o homem e a natureza, e da formação de um tipo regional adaptado a uma vida difícil.

São muitos os elementos passíveis de análise para a compreensão da categoria sertão, no contexto da história do Brasil. Especificamente quanto ao sertão nordestino, temos como uma das principais referências a música.

ATIVIDADES

Combine com seus tutores uma reunião em seu pólo com toda a turma para um debate sobre o tema desta aula. Vocês deverão ainda realizar um balanço do que aprenderam ao longo da disciplina Natureza e História e, em grupos de cinco alunos, elaborarem um resumo por grupo e enviem para os tutores. Estes resumos devem ser de uma lauda.

Bom trabalho!



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2 ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Nordestino - uma invenção do falo**: Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.
- ALENCAR, Maria Amélia G. de. Cultura e identidade nos sertões do Brasil: representações na música popular. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DA LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL PARA EL ESTUDIO DE LA MUSICA POPULAR, 3., **Anais Eletrônicos**. s/d. Disponível em: <http://www.hist.puc.cl/historia/iaspmla.html>>. Acesso em: 01 fev. 2010.
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. 2 ed. São Paulo, Alfa-ômega, 1976.
- FERLINI, Vera Lúcia Amaral. **A civilização do açúcar**: séculos XVI a XVIII. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Tudo é História)
- SENA, Custódia Selma. A categoria Sertão: um exercício de imaginação antropológica. **Sociedade e Cultura**. v.1, n. 1., 1998. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewArticle/1776>. Acesso em: 01 fev. 2010.
- VELLOSO, Mônica P. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. Vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.